

AS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS NAS GRAMÁTICAS BRASILEIRAS. A RELATIVA EXPLICATIVA E O VOCATIVO: ESSENCIAL OU ACESSÓRIO? NAS MALHAS DO SENTIDO DE ENUNCIADO COMPLETO

Carmen Lúcia Hernandes Agustini*

RESUMO: Neste artigo, analisamos, sob a perspectiva teórica da Semântica da Enunciação, a presença de categorias enunciativas, tais como, por exemplo, a sentença relativa e o vocativo nas gramáticas brasileiras de linha tradicional, formal e funcionalista. Nosso principal objetivo é compreender e explicitar a relação que tais categorias mantêm com a teoria gramatical. Procuramos, ainda, explicar essa relação, suas causas e conseqüências, além de mostrarmos a pertinência semântica de tais categorias para o texto em que se dão.

PALAVRAS-CHAVES: enunciação; gramática; essencial; acessório.

1. O percurso traçado

Nesse texto, objetivamos analisar a presença das categorias tipicamente enunciativas, a saber: a relativa explicativa e o vocativo, nas gramáticas brasileiras de linha tradicional, de linha formal e de linha funcionalista, a fim de compreender a relação que tais categorias mantêm com a teorização gramatical. Tendo em mente essa relação, suas causas e conseqüências, procuramos, na

* Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

seqüência de nosso trabalho explicá-las sob o ponto de vista da Semântica da Enunciação. Para tanto, partimos da noção de **enunciado mínimo** e **enunciado completo** que aparece desde os estóicos e de que a gramática se apropriou, a fim de manter coerência com sua perspectiva de análise lingüística: centra-se na forma, pois objetiva mostrar o que é da língua e como é a língua, funcionando (quase) como uma listagem (descrição) do que se pode encontrar na língua (idioma). Dessa forma, conseguimos descortinar uma explicação possível e fundamentada para como e porquê se dá o “expurgo” de tais categorias tipicamente enunciativas do quadro das funções sintáticas, além de apontar para a pertinência da presença dessas categorias no discurso da gramática.

Sob o olhar teórico da Semântica da Enunciação, por sua vez, procuramos mostrar a pertinência semântica da relativa explicativa e do vocativo para a construção enunciativa dos sentidos do texto em que se dão. Essa postura se opõe, de certa forma, à postura gramatical, visto que não as tomamos como **termos acessórios** e, menos ainda, como **acréscimos contingentes**, uma vez que a retirada de tais categorias do texto em que se dão afeta a construção enunciativa dos sentidos do texto, conforme podemos verificar a partir das análises realizadas. Estamos, por conseguinte, propondo com esse texto uma explicação que traga à tona a relação entre o plano da organicidade da língua e o plano da enunciação, já que essa tarefa se mostra pertinente ao campo de atuação teórica da gramática.

2. Voltar à história: vestígios de uma apropriação antiga

A divisão entre termos essenciais e termos acessórios proposta por nossas gramáticas parece remontar à noção estóica de **enunciado completo**. Essa divisão seria, portanto, um dos vestígios das diversas apropriações feitas pela gramática, ao longo de sua histó-

ria, de elementos da teoria estóica. No *Autoteles lekton*¹ aparece a definição de enunciado como sendo a expressão de um “sentido completo” e, juntamente, a afirmação de que um enunciado não é completo se ele não comporta um nome e um verbo, como podemos observar nas definições reescritas abaixo:

«O enunciado é uma combinação coerente de palavras que exprime um sentido completo».

“Os artíficos mais sábios colocaram o nome em primeiro lugar e o verbo em segundo lugar, visto que sem essas duas categorias um enunciado não pode ser completo”.

Essas considerações estóicas trazem uma complicação para a relação entre **enunciado completo/sentido completo** e **enunciado assertivo/enunciado não-assertivo**; uma vez que a afirmação de que um enunciado, para ser completo precisa, necessariamente, conter um nome e um verbo, esbarra nas considerações de outros gramáticos, como, por exemplo, Prisciliano, para quem não é absolutamente necessário que haja um nome (ou um pronome) e um verbo para formar um enunciado completo; é necessário e suficiente que o sentido seja completo independentemente dos elementos que sejam empregados para tanto. Essa concepção é afirmada por ele desde o início das *Institutions*, na definição geral de *oratio*:

«Não importa qual palavra pode receber o nome de enunciado, se ela apresenta um sentido completo, como os verbos no imperativo, ou nas respostas que são freqüentemente completas com uma única palavra; por exemplo, se digo «qual é a virtude maior?» e alguém me responde «a honestidade», eu digo «esta é uma boa resposta».

¹ Essa expressão pode ser compreendida como «enunciado independente» ou «enunciado completo».

